



A LUTA FEMININA PELA IGUALDADE DE DIREITOS NA AMÉRICA LATINA **THE FEMALE FIGHT FOR EQUALITY OF RIGHTS IN THE LATIN AMERICA**

Eduarda Franke Kreutz¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa, acima de tudo, evidenciar a luta feminina por igualdade de direitos na América Latina, espaço esse marcado por profundas raízes machistas e patriarcais. As lutas feministas não se restringem a igualdade de tratamento perante o Estado, mas buscam a diminuição das violências recorrentes no ambiente doméstico e público das sociedades latino-americanas, violências estas físicas, psicológicas, sexuais, e nos casos mais drásticos, que acabam em feminicídio. Outro fator a ser analisado aqui é a forma como a pobreza incide nestes casos, potencializando a violência de gênero e as situações de risco vivenciadas por todas as mulheres.

Palavras-Chave: Desigualdade; Igualdade; Mulheres; Violência; ONU.

Keywords: Inequality; Equality; Women; Violence; UNO.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi a leitura dos materiais base abaixo descritos, além da reflexão crítica sobre os conteúdos trazidos, visando evidenciar os costumes machistas perpetrados pela sociedade latino-americana, bem como demonstrar porque são tão prejudiciais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A América Latina é composta por vários países subdesenvolvidos, com longas histórias marcadas pelo patriarcado e pelo machismo. Esse, dentre vários outros fatos, incide no grande número de feminicídios recorrentes nesses países. Segundo o jornal internacional El País (2018), a América Latina é conhecida como a região mais letal

¹ Bolsista de iniciação científica Pibic/Unijui, acadêmica do 4º semestre do curso de Direito da Unijui.
E-mail: eduardafkreutz@gmail.com



para as mulheres, com taxas de feminicídio vergonhosamente altas (cerca de 9 mulheres são assassinadas por dia). A visível impunidade judicial, a violência generalizada de gênero, sequestros e desaparecimentos de mulheres e meninas, estupros brutais, mortes por abortos clandestinos, difícil acesso à saúde obstétrica e a pobreza no geral categorizam apenas alguns dos problemas que dificultam, ainda mais, o acesso a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Conforme a ONU mulheres, essa região é a mais perigosa do mundo para o sexo feminino, fora de uma zona de guerra.

Contudo, no ano de 2020 toda a sociedade pode ver a revolta do considerado sexo frágil. No dia 8 de março de 2020 mulheres de vários países da América latina foram às ruas protestar por vários motivos, conforme o jornal El País (2020).

Na Argentina, as mulheres foram às ruas clamando pela legalização do aborto. Conforme o jornal já citado, o lema do movimento era “Pela autonomia de nossos corpos e contra os fundamentalismos religiosos”. As mulheres lutam principalmente contra a igreja, afirmando que o Vaticano não deve ter poder sobre os seus corpos, considerando que o próprio não sabe da realidade de suas vidas pessoais. Os lenços verdes (símbolo do movimento) triunfaram, e o país aprovou a legalização do aborto no dia 30 de dezembro de 2020.

Outra reivindicação feita foi que o feminicídio fosse freado no país, levando em consideração a grande quantidade de mortes de mulheres que ocorreram nos dois primeiros meses do ano de 2020 no país, crimes estes praticados geralmente por parceiros ou ex-parceiros das vítimas.

No México, após manifestações contra as altas taxas de feminicídio (cerca de 10 mulheres morrem por dia vítimas desse crime) no dia 8 de março de 2020, as mulheres mexicanas utilizaram-se de uma nova forma de manifestação, cujo lema, segundo o jornal El País (2020), foi “El nueve nadie se mueve” (ninguém se mexe no dia 9). A mobilização tratava-se de um dia de greve, onde as mulheres deixariam de ir trabalhar, fazer compras, entre outras atividades geralmente por elas desenvolvidas.

Na Colômbia, conforme o jornal, as mulheres seguem à luta de uma das principais reivindicações feministas: o aborto, que no país, é legalizado apenas no caso de estupro, malformação fetal ou perigo para a saúde física ou mental ou à vida da mulher. Mas não só isso constou nas manifestações das colombianas, uma vez



que também ressaltaram a situação de perigo em que vivem no país, uma vez que a violência sexual e o feminicídio são situações recorrentes na nação. Entre janeiro e outubro de 2019 foram assassinadas 799 mulheres na Colômbia.

No Brasil, conforme a matéria publicada no jornal El País por Carla Jiménez e Gil Alessi (2020), as manifestações do dia da mulher, em 2020, tomaram conta de cerca de 70 cidades, as quais promoveram atos em prol do feminismo no país. Esperava-se que o Brasil, como quinto país com mais feminicídios no mundo, mobilizasse muitas mais pessoas, mas a marcha feminina não foi tão expressiva quanto o esperado. Apesar disso, em São Paulo, cerca de 10.000 mulheres marcharam contra a violência e assassinato de mulheres, contra o estupro de crianças e pela visibilidade das mulheres negras. Chamou a atenção também a fileira de mulheres cadeirantes, que participaram do protesto visando pedir visibilidade por essa classe, frequentemente esquecida. A marcha contou também com homens simpatizantes à causa.

Em toda a América Latina o machismo mantém as mulheres em um regime de medo e insegurança. Não raras vezes, o agressor das mulheres é alguém de seu círculo íntimo de convivência, alguém que ela vê necessidade em proteger.

Como bem destaca Carolina Taboada e Terine Husek em matéria publicada no veículo de informação El País (2020), o objetivo principal não deve ser punir os crimes, mas sim ter cada vez menos crimes para punir. É necessário que os países invistam em programas que busquem evitar a ocorrência destes crimes, ajudando a sociedade a conscientizar-se acerca da gravidade do problema enfrentado, bem como prestar apoio às mulheres vítimas das mais variadas formas de violência.

Outro fator de extremo risco para as mulheres é o que assola grande parte da população latino americana: a pobreza. O objetivo número 1 da ONU, em sua campanha “17 objetivos para transformar o mundo” é justamente erradicar todas as formas de pobreza, mas este objetivo tem se mostrado extremamente difícil de se concretizar. Isso porque, em especial da América Latina as desigualdades são muito expressivas. Apenas durante o período da pandemia, na América Latina, a taxa de pobreza sofreu um aumento de 37,3% (231 milhões de pessoas), e a taxa de pobreza extrema sofreu um aumento de 15,5% (96 milhões de pessoas), conforme a

